

13 DEZ 1987

Millôr Fernandes é economista e advogado

# Centrão, cuidado com o "ão"

Ricardo A. Setti

**É** de um jovem e talentoso jornalista de São Paulo a concepção de que existe, a pairar sobre a cultura e os hábitos brasileiros, uma "estética do ão". Ela englobaria, num mesmo e eclético saco, um amplo arco de fenômenos políticos, econômicos, artísticos, esportivos e comportamentais. Elaborada na rapidez dos corredores de redação e no descompromisso das mesas de bar, a doutrina da "estética do ão" nunca chegou a ser aperfeiçoada. Tinha, porém, alguns pressupostos evidentes por si sós, abraçando algo do kitsch da alma brasileira, uma certa mania de grandeza decorrente do entranhado complexo de inferioridade nacional, uma pitada de falta de sutileza e outra de franco e vociferante cafajestismo, completados por algumas doses de inclinação pelo autoritário.

Segundo se depreende dos rápidos rascunhos dessa teoria, não seria difícil incluir aí, por exemplo, no capítulo da música, o "sambão". A gastronomia nacional entraria com um indispensável aporte — afinal, abundam pelo país afora churrascarias tipo "Gauchão", há no Rio o célebre "Porcão" (de que tanto gosta o ex-governador Leonel Brizola, por sinal) e, no litoral sul de São Paulo, existe mesmo um inacreditável "Boi Bão". Na política partidária, caberia ao "partidão" carregar a cruz da teoria da "estética do ão", acrescida pela ironia de o apelido, carinhoso para os militantes, ser inteiramente desproporcional a seu diminuto eleitorado. A arquitetura também não escaparia à sina, com incontáveis monumentos que compartilham da família visual do "Minhocão" — o horrendo viaduto que o Dr. Paulo Maluf, quando prefeito indireto, resolveu incluir na paisagem de São Paulo. E, é claro, todos se lembram do triste e longo período em que a ditadura militar em ritmo de Brasil grande fazia tudo levar um "ãoo" de contrapeso — especialmente os estádios de futebol erigidos por governadores bionicos e serviçais. O fato de ser uma mera brincadeira conceitual não impede que um caso atrás do outro se incorpore à fileira dos que conferem um certo ar de coisa séria à doutrina da "estética do ão". Tudo isso nos remete ao grande show da política brasileira no momento, a Constituinte. E não ao "badernão" que platéias despreparadas para a democracia aprontaram nas sofridas galerias da Câmara dos Deputados nos dias recentes, mas ao alvo das vaias, moedas e objetos menos respeitáveis arremessa-

dos ao plenário: o "Centrão". (Detalhe a observar: um de seus principais líderes, o deputado Roberto Cardoso Alves, do PMDB paulista, é, como se sabe, mais conhecido por "Rôbertão")

Os integrantes dessa sigla aumentativa, hoje no centro dos acontecimentos em Brasília, precisam ficar de olho vivo. Até agora, não dá para negar que protagonizaram um papel importante, questionando critérios que estavam em vigor na assembléia e trombavam com o princípio da maioria. Daqui para a frente, porém, convém não exagerar, usando da maioria obtida para mudar as regras do regimento interno e tratar, como muitos membros do "Centrão" parecem querer fazer, a gravíssima questão social com o mesmo esmero com que são atendidos os clientes de certas churrascarias de beira de estrada. Os senhores do "Centrão" não podem ignorar que há todo um generalizado e urgente clamor nacional por mudanças. A questão da terra não é caso de polícia, mas de sobrevivência de milhões de brasileiros — e, de quebra, de viabilidade de um vigoroso mercado interno. O respeito ao capital estrangeiro como parceiro do desenvolvimento não pode ser confundido com a intenção de transformar o Brasil numa *duty free shop* de aeroporto. A necessidade de se respeitar o papel das Forças Armadas no arcabouço do país está a milhas de distância da manutenção da tutela militar sobre o Estado. E por aí vai.

Por tudo isso, a prudência e a observação da história recente recomendam, do ponto de vista da "estética do ão", sair dessa partícula aumentativa. Quem sabe não seja melhor o caminho do diálogo moderado, do abandono da política de pisar no pescoço da mãe do adversário — que setores da esquerda, aliás, também têm praticado com grande desenvoltura na Constituinte —, do fim do barulhento exercício de maiorias eventuais?

Talvez seja a hora de entrar em campo de vez, como já está acontecendo, a brigada do "grupo do entendimento", em que militam políticos como o senador Fernando Henrique Cardoso do PMDB; ou o deputado Alceni Guerra, e ao qual a finassensibilidade política do líder Mário Covas já não é indiferente.

Sem trocadilho nem rima, a "estética do ão", praticada na Constituinte, só vai trazer confusão.

Ricardo A. Setti é editor regional do JORNAL DO BRASIL em São Paulo